



# CRÔNICA DE UM ESGOTAMENTO ANUNCIADO

| POR RENATO TAGNIN

Um modelo anacrônico e insustentável de exploração, somado a graves falhas da gestão pública, contribuiu para a escassez de um bem que um dia acreditamos ser infinito: a água.

**C**rises, por definição, não são eventos, não resultam de um único fato, nem se superam com uma única ação ou “tiro certo”. Elas se parecem mais a uma síndrome, cujo tratamento requer grandes transformações para lidar com suas causas e um “coquetel” de remédios na tentativa de atenuar seus sintomas.

No caso da água, que moldou o planeta, preexiste a quase tudo por aqui e determina a vida presente nele, falar sobre crise envolve dimensões e repercussões que não se pode subestimar. A complexidade do assunto está ligada a atributos próprios desse recurso, como o de mover-se no ciclo planetário, enxaguando e dissolvendo grande parte do que está em seu percurso, para se renovar a cada chuva. Nessa redistribuição, seja no estado sólido, líquido ou gasoso, a mesma água de sempre atravessa praticamente tudo – atmosfera, solo,

subsolo, oceanos e organismos – em diferentes medidas e velocidades.

É na interação com esses meios que se define onde e em que proporção a água se demora, purifica, escasseia, nutre organismos, inunda planícies ou arrasta o que estiver em seu caminho. Considerando que ela não diminui em quantidade e ocupa tão amplo espaço, o que mudou para que não se pudesse mais contar com a água, da forma como nos “acostumamos”, no Sudeste brasileiro, em particular, nas grandes metrópoles?

## MUDANÇA DE PERCURSO

As alterações provocadas no ar, no solo e nos organismos – em outras palavras, no percurso da água – já são capazes de interferir na proporção, na velocidade e nas condições que ela passa pelos diferentes locais do planeta. Dentre esses meios, cientistas têm destacado a importância dos ecossistemas naturais: quanto mais evoluídos



A crise que atinge São Paulo é anunciada há décadas em relatórios governamentais. Medidas previstas para elevar a oferta, melhorar a qualidade das águas disponíveis e controlar as perdas das redes de abastecimento não foram realizadas.

e biodiversos são, mais equilíbrio interno desenvolvem, o que inclui seu relacionamento com a água. Nessa relação, são determinadas as condições de existência e manifestação da vida, fundada na adaptação às condições de presença da água, mesmo em condições extremas de escassez, inundação e qualidade.

As florestas, por exemplo, são capazes de reter boa parte da água precipitada, devolvendo-a sob a forma de vapor à atmosfera. Isso reduz a proporção que escoar para os rios, mas regulariza a pluviosidade e a disponibilidade de água.

Porém, à medida que ocorre a perda da integridade desses ecossistemas, diminui-se sua resiliência (capacidade de resistir a mudanças) e a das populações e atividades econômicas que dependem desse conjunto. A redução da presença de vegetação natural, ou sua eliminação das paisagens, em todo o mundo, tem um preço elevado na manutenção da regularidade das chuvas, chegando a deflagrar processos de desertificação.

## CIDADES

Nas grandes metrópoles, o fenômeno conhecido como “ilha de calor”, formado pela emanção de calor do conjunto das atividades e construções urbanas, expressa os

efeitos da eliminação radical da vegetação e sua substituição por edificações, veículos e asfalto. Com a elevação da temperatura e a redução da umidade que esse fenômeno produz, tendem a desaparecer as chuvas regulares e a se manifestarem os extremos, dos quais resulta a falta de água limpa nos reservatórios e os alagamentos das cidades com água suja.

À medida que as áreas urbanas e as atividades agrícolas se expandem, esses efeitos regionais se ampliam em extensão, intensidade, e número de pessoas e atividades afetadas, além de terem sua influência no clima continental e global majorada. A construção de reservatórios, feita com o objetivo de acumular água das chuvas, regularizar o suprimento ou promover a geração de energia, também depende da ocorrência e do comportamento dessas precipitações.

Tais alterações nos ecossistemas, muitas das quais já se manifestam de forma severa, são atribuídas à dimensão e, principalmente, ao ritmo da exploração econômica de recursos, o qual não é conduzido, propriamente, para atender às necessidades básicas de uma população crescente. Ele é cada vez mais orientado pela crescente busca de retorno dos investimentos, custe o que custar, o que fundamenta o paradigma de crescimento ilimitado num planeta finito.

A maior parte da demanda por produtos que degradam o espaço, consumindo recursos para serem gerados, movidos e descartados, incluindo a água, tem origem nos segmentos sociais e países de renda mais elevada, que representam a menor parte da população global.

Os sinais de esgotamento desse modelo vêm sendo observados nas mais diversas regiões e ciclos naturais; porém, é na água que quase todas as alterações repercutem. Pelo seu mais elevado grau de interação com todos os elementos, ela é receptora desses impactos e, ao mesmo tempo, protagonista das pressões exercidas sobre os que dela dependem, incluídas aí as condições gerais de vida.

Isso coloca a crise da água em outro patamar de importância e, conseqüentemente, amplia a pauta do que deve ser enfrentado para solucioná-la. A notícia ruim para os crédulos é que a engenharia não pode tudo e a tecnologia não vai nos redimir de todas essas mazelas. Apesar de úteis para lidar com parte dos sintomas, não abrangem todos os campos a serem transformados e adaptados, como a nossa síndrome – a crise – requer.

## SÃO PAULO: CRISE DE GESTÃO

Seja nas raízes ou nos sintomas, a crise que atinge mais fortemente a região conhecida como Macrometrópole Paulista é anunciada há décadas em relatórios governamentais. Neles registra-se um crescente desequilíbrio entre a oferta e a demanda de água em razão do aumento da população, da atividade econômica e dos níveis de consumo, e o quanto destes pode ser satisfeito com os suprimentos em uso.

A despeito dos cortes no suprimento já afetarem, há muito tempo, grande contingente da população periférica, o problema passou a ser mais conhecido quando a imprensa se interessou pelo esvaziamento dos reservatórios e a falta d'água alcançou bairros de maior renda.

Agravando o quadro, as medidas sugeridas nos planos governamentais não foram realizadas, como aquelas previstas para elevar a oferta, melhorar a qualidade das águas disponíveis e controlar as perdas das redes de abastecimento. Além disso, as chuvas não compareceram conforme o esperado pelos projetistas e gestores dos sistemas hídricos.

Em 2014, entre a situação e o calendário eleitoral, o governo estadual optou por minimizar a gravidade do problema, evitando a necessária declaração de emergência. Ademais, não estabeleceu um plano de contingência que envolvesse a população e não a informou de como satisfazer suas necessidades de forma segura. Dessa “crise hídrica” emergiu uma crise de gestão.

Apesar de inúmeras análises técnicas ressaltarem a necessidade de rever os rumos dessa política, as iniciativas governamentais têm se apoiado nas velhas fórmulas, como as de buscar água em mananciais cada vez mais distantes sem proteger os atualmente explorados e tratar as águas disponíveis. Além disso, privilegiam grandes consumidores em detrimento da população, a despeito do que a lei estabelece.

Considerando que a relação entre a disponibilidade e a demanda de água na macrometrópole é uma das mais críticas do país, a falta de tratamento para a maior parte dos seus esgotos é trágica por inviabilizar seus rios e córregos para uma utilização segura. Paralelamente, mesmo com as tarifas cobradas para a prestação do serviço de esgotos, anuncia-se o corte de mais de 50% dos recursos destinados ao seu tratamento, sob justificativa de que eles serão destinados à busca de soluções de emergência para o abastecimento.

Isso se dá ao mesmo tempo em que os grandes consumidores seguem tendo contratos especiais, a preços reduzidos, o que os estimula a consumir mais; continuam sendo pagos divididos aos acionistas da empresa responsável por esses serviços, que não são prestados; e as tarifas continuam aumentando acima da inflação.

## PROGNÓSTICO INCERTO

As repercussões dessa crise na saúde, na renda e na atividade econômica prosseguem e deverão ser avaliadas. A urbanização se expande, afetando grandes extensões do percurso de água, acima do que o crescimento populacional pode justificar; e os novos aproveitamentos estão comprometendo as nascentes dos mananciais que pretendem utilizar, boa parte dos quais se situa em regiões onde as fontes já são poluídas e disputadas por diversos usos.

Entramos no período de estiagem deste ano com menos água que no de 2014, e os prognósticos pouco favoráveis não são tornados públicos. Assim, o agravamento da situação segue subestimado nas suas causas e repercussões, e as propostas consistentes de transformação não conseguem entrar na pauta dos gestores.

Como se diz, se não mudarmos, acabaremos chegando aonde estamos indo. ●

### PARA SABER MAIS:

- Caio Ferraz. *Volume vivo - a negação da crise - Episódio 1*. 2015. Disponível em: [youtube.com/watch?v=90mfhpWppHw](https://www.youtube.com/watch?v=90mfhpWppHw)
- Delmar Mattes, Renato Tagnin e José Prata. *A crise é maior que a chuva*. Le Monde Diplomatique Brasil, 2014. Disponível em: [diplomatique.org.br/artigo.php?id=1638](http://diplomatique.org.br/artigo.php?id=1638)

RENATO TAGNIN > Doutor em Ciências pela FAU-USP > [renato.tagnin@gmail.com](mailto:renato.tagnin@gmail.com)